

A TRANSIÇÃO CAPILAR COMO PROCESSO FORMATIVO E POLÍTICO

Jéssica Santos de Azevedo¹

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Conceição do Coité - BA, Brasil. E-mail: azevedojessic4@gmail.com

Introdução

A construção da identidade negra no Brasil está profundamente atravessada por processos históricos de colonização, racismo estrutural e imposição de padrões estéticos eurocêtricos. Nesse contexto, o cabelo crespo e cacheado, especialmente de mulheres negras, torna-se um dos principais marcadores de identidade, sendo frequentemente alvo de estigmatização, controle e negação. Conforme aponta Nilma Lino Gomes (2003), o cabelo é um importante elemento de construção identitária, pois carrega significados sociais, culturais e políticos que influenciam a forma como sujeitos negros se percebem e são percebidos na sociedade.

A transição capilar, entendida como o processo de abandono de práticas de alisamento para a assunção do cabelo natural, emerge como um movimento que ultrapassa a dimensão estética, configurando-se como ato político de resistência e afirmação identitária. Esse processo possibilita não apenas o reconhecimento de si, mas também a compreensão das estruturas racistas que operam na sociedade, como discute Kabengele Munanga (2005) ao abordar a construção social da identidade negra.

Nesse sentido, bell hooks (2018), na obra *Meu crespo de rainha*, contribui para pensar o cabelo como símbolo de autoestima, pertencimento e resistência, especialmente na infância, reforçando a importância de práticas educativas que valorizem a diversidade e rompam com padrões excludentes.

A partir dessas reflexões, este trabalho tem como objetivo analisar a transição capilar como processo formativo e político, articulando a experiência individual à prática docente, especialmente no contexto da educação infantil.

Metodologia

A pesquisa fundamenta-se na escrevivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo (2020), que compreende a escrita como expressão das vivências de mulheres

negras, articulando memória, experiência e produção de conhecimento. Trata-se de uma abordagem qualitativa, de caráter autobiográfico, que valoriza a experiência individual como ponto de partida para reflexões coletivas. Conceição Evaristo, evidência:

“Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.” (Evaristo, 2020, p. 30).

Nesse sentido, o estudo parte do relato da própria trajetória de transição capilar, articulando essa experiência ao exercício da docência enquanto assistente de sala em uma creche, especialmente nas práticas de cuidado com os cabelos das crianças. A análise é construída em diálogo com o referencial teórico sobre identidade, relações étnico-raciais e educação.

Resultados e discussão

A discussão proposta neste trabalho ainda se encontra em processo de construção, na medida em que as reflexões aqui apresentadas emergem tanto da experiência vivida quanto do aprofundamento teórico em curso. Nesse sentido, o processo de transição capilar evidencia-se como um percurso de autoconhecimento e reconstrução identitária, no qual, o cabelo crespo possibilita o reconhecimento de si enquanto mulher negra e a problematização de padrões estéticos impostos socialmente. Esse movimento revela as marcas do racismo estrutural que historicamente inferioriza características negras, especialmente no que se refere ao corpo e à estética, conforme discutido por Gomes (2002; 2003; 2021).

Ao assumir o cabelo natural, observa-se não apenas uma mudança estética, mas uma transformação na forma de compreender o mundo, as relações sociais e os mecanismos de exclusão racial. Nesse sentido, a transição capilar configura-se como um processo político, pois rompe com padrões normativos e reafirma a identidade negra como elemento de resistência. Entretanto, essa experiência também suscita novas inquietações, sobretudo quando situada no espaço escolar.

A esse respeito, as reflexões de Veiga (2000) contribuem para compreender como a escola brasileira foi historicamente constituída a partir de um ideal normativo branco, no qual corpos, culturas e estéticas negras foram sistematicamente silenciados ou inferiorizados. A noção de uma “escola de alma branca” evidencia que o ambiente educacional, longe de ser neutro, participa ativamente da produção e reprodução de

hierarquias raciais, o que impacta diretamente a forma como crianças negras percebem a si mesmas.

Nesse contexto, a experiência da transição capilar passa a dialogar com a prática docente, especialmente no cotidiano da educação infantil. A atuação como assistente de sala permitiu o desenvolvimento de práticas pedagógicas pautadas na valorização da diversidade, sobretudo no cuidado com os cabelos das crianças, que se configura como um momento de afeto, reconhecimento e construção de autoestima, sobretudo, nessa etapa educacional em que o cuidado é fundamental para o desenvolvimento. Inspirada nas reflexões de bell hooks (2018), compreende-se que a valorização da estética negra desde a infância é fundamental para a formação de sujeitos seguros de sua identidade.

Além disso, as contribuições de Rios e Jesus (2023), ao abordarem a afroinfância e as escrituras pedagógicas afrocentradas, potencializam a discussão ao evidenciar a importância de práticas educativas que partam das experiências, saberes e vivências das crianças negras. Nessa perspectiva, o cuidado com o cabelo deixa de ser apenas uma ação cotidiana e passa a se constituir como prática pedagógica intencional, que reconhece o corpo negro como lugar de saber, afeto e resistência.

Assim, o trabalho com os cabelos das alunas evidencia a necessidade de uma educação comprometida com as relações étnico-raciais, que reconheça e valorize as diferenças como constitutivas do processo educativo. Contudo, essa compreensão ainda está em desenvolvimento, uma vez que suscita questionamentos sobre os limites e possibilidades de atuação docente diante de uma estrutura educacional historicamente excludente.

Desse modo, esta discussão não se encerra, mas se abre como campo de reflexão contínua, no qual a prática pedagógica passa a ser atravessada por uma perspectiva crítica que busca, ainda que de forma inicial, romper com estigmas, promover o pertencimento e construir caminhos para uma educação verdadeiramente antirracista.

Conclusões

A transição capilar constitui-se como processo formativo e político na construção da identidade negra.

O reconhecimento do cabelo crespo possibilita o desenvolvimento do autoconhecimento e da consciência racial.

A experiência individual influencia diretamente a prática docente na educação infantil.

O cuidado com os cabelos das crianças configura-se como prática pedagógica de valorização da diversidade.

A atuação docente contribui para o fortalecimento da autoestima e do pertencimento de crianças negras.

A formação de professores necessita incorporar discussões sobre identidade, estética e relações étnico-raciais.

Palavras-Chave: Identidade negra. Transição capilar. Formação docente. Relações étnico-raciais.

Referências Bibliográficas

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-54.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino, (2002). **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

Gomes, N. L. (2021). **O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas**. *Revista De Filosofia Aurora*, 33(59). <https://doi.org/10.7213/1980-5934.33.059.DS06>.

HOOKS, bell. **Meu Crespo é de Rainha**. Ilustrações de Chris Raschka. São Paulo: Boitempo, 2018.

JESUS, Caroline Silva de; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Afroinfância: escrevivências de experiências pedagógicas afrocentradas na Educação Básica**. Disponível em: SciELO/anais de evento.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da ABPN**, vol. 4, n. 8.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VEIGA, C. G. **Escola de alma branca: o direito biológico à educação no movimento da Escola Nova**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, set., p.123-150, 2000. Edição especial.